

RUI ALEXANDRE LALANDA MARTINS GRÁCIO

Professor do Ensino Secundário

## Proposições

*em torno de noções como experiência e trabalho filosóficos*

"Ser unido e fundido no amado! Serem apenas um!  
/.../ E o amor é o desejo e a ânsia dessa completação, dessa  
unidade".

PLATÃO, *Banquete*, 192e - 193a

"Il me semble important qu'on se débarrasse du Tout, de  
l'Unité, de je ne sais qu'elle force, de je ne sais  
qu'elle absolu; on ne pourrait manquer de le  
prendre pour instance suprême et de la baptiser 'Dieu'. Il  
faut émettre l'univers, perdre le  
respect du Tout".

NIETZSCHE, *V. P.*, t. II, I. III, §489, p. 153

Rui Alexandre Grácio

Portanto, a pessoa, e quem quer que deseje alguma coisa, deseja forçosamente o que não está à sua disposição, o que não possui, o que não tem, o que lhe falta; ora, não são esses justamente os objectos do desejo e do amor?"

PLATÃO, *Banquete*, 200 e

"O amor quer evitar aos outros a quem se dirige todo o sentimento de estranheza, sendo fortemente levado à dissimulação e à identificação, engana constantemente e representa a comédia de uma igualdade que não existe realmente".

NIETZSCHE, *Aurora*, 530

"Tu não podes, caríssimo Ágaton, contradizer a verdade"

PLATÃO, *Banquete*, 201 c-d

A suspeita face à caduca e pretensa identidade deste singular — a Filosofia —, mas também face à pretensa segurança da partilha estabelecida pelo dizer deste adjectivo — *o filosófico* — levam a que a Filosofia e o discurso que a si mesmo se chamou filosófico tenham de ser, hoje, interrogados.

Tratar-se-à, ainda, de uma interrogação filosófica? Quer dizer, recoberta pela estratégia da douda ignorância? De uma interrogação que se acabaria, afinal, por envolver no jogo da filosofia? Que trabalho?

Talvez hoje, sob a inquietude da suspeita e do ambiente de irrespeito que ela fomenta, a interrogação, como patamar da compreensão e do querer entender, dê lugar a *um novo modo de interrogar*, menos interessado em compreender do que em des-prender a efectividade filosófica dos lugares que tradicionalmente lhe foram reservados. Por exemplo, das figuras de o *Saber* ou de a *Verdade*. Mas também do primado da unidade e da ambição totalizadora de um certo pensamento, instauradores de um discurso magistral e geradores de uma filosofia doutrinal pronta a ser veiculada (a-politicamente, é claro!) pelos aparelhos ideológicos do poder.

Uma análise minuciosa do fascínio do Um, da sede de plenitude, da premência *do* Encontro e ainda das estratégias que, do objecto total (mítico), dariam a posse, conduzir-nos-ia à questão da *relação com a alteridade*. O que se deseja é o outro, o desejo é, efectivamente, desejo do Outro. Ora a filosofia pensou sempre o Outro como Outro *de* si, como o *seu* Outro; quer dizer, pensou a alteridade a partir do Mesmo e pela manobra de redução ao Um: a partir da *antecipação* de uma com-unidade que configurou como origem a re-conhcer.

Percorramos a manobra textual do *Banquete* platónico após a apresentação da genealogia e da natureza de Eros. A natureza dupla de Eros, a ferida constitutiva da qual brota a sua

Rui Alexandre Grácio

força demoníaca, é, a dado passo, suturada pela inscrição de um *telos* para o qual (e a partir do qual) doravante tudo se se encontrará ordenado. A sua natureza internamente divisa, a distância de si a si, esse constante estado de incoincidência que faz de Eros um ser errante, quer dizer, impossibilitado de um reconhecimento pleno de *si próprio*, ou de possuir um *saber absoluto*, e o deixa entregue à dif-errância (o outro do desejo é, afinal, outro desejo — infinitude), tudo isto é deslocado pela introdução do espírito de missão que passará a investir Eros de uma *intencionalidade*. O seu dinamismo tornou-se teleológico, a sua força ordenada ao Sentido. A mediação amorosa tornou-se *meio para ; método* e não *condição*. Eros não vive já *do/no jogo das seduções*; o seu jogo é agora o da conquista/posse, a sua polarização o amado. Depois virá a dialéctica, estranho processo totalizador de recondução ao Um. As contradições do desejo, antitéticas e irredutíveis, resolvem-se afinal numa dialéctica que ensina a pedagogia de um amor feliz. O *bom* caminho, o que conduzirá Eros à *casa* da/na transcendência, está encontrado.

"O *ethos* de um homem é o seu *dáimon*"

HERACLITO, Diels, frgs 119

Filosofia é experiência de incompletude. Mas importa também dizer que experiência e saber não são a mesma coisa. Porque a experiência não se esgota no, nem é redutível ao, discurso da consciência sábia. Poder-se-à mesmo dizer que um dos postos do trabalho filosófico actual é o de libertar a noção de *experiência* da hipoteca do *primado da consciência*. E se é certo que Marx, Nietzsche e Freud, a quem alguém chamou com justeza "os três mestres da suspeita" foram os primeiros operários que com relevância e repercussão trabalharam neste domínio (trabalharam esta dominação), não é menos certo que hoje a sua irreverência e impertinência é reduzida a "peripécia" e os frutos do seu trabalho convertidos em dolorosa mas instrutiva lição *para a consciência* e mesmo como uma etapa necessária para o seu engrandecimento. Pôde-se mesmo escrever que os três autores referidos, "longe de serem detractores da 'consciência', visam a sua extensão"! Em suma, há muitas maneiras de, progredindo, permanecer no Mesmo. Mais difícil tarefa, desafio, será deslocar as questões...

O que na interrogação filosófica é buscado é, seguramente,

Rui Alexandre Grácio

um saber. Mas o que é significado pelo *acto de perguntar* no qual a pergunta se coloca é a incompletude. Incompletude e não ignorância que é ainda figura *do* saber. *Endeia* e não *amnesis*. Pergunto porque não *sei*. Mas se *não sei*, porque pergunto? Porque pergunto?

Tudo se joga em saber se o saber completa — quer dizer, pode re-unir o todo consigo mesmo —, ou se a possibilidade indiferível do questionamento, porquanto significa a humana condição da incompletude e traduz a precaridade ontológica de tal condição solidária, não perpetua, para o saber, uma inultrapassável parcialidade. A questão seria saber. Saber *da* questão?

O *reconhecimento* pleno — notar-se-à a importância desta figura na economia narcísica do pensamento especulativo, como forma de preservação da soberania dum razão que constantemente assegura o controlo do exterior como *seu* exterior, dos limites como *seus* limites (o reconhecimento apropriado e é solidário do progresso, abre à superação dos limites, en-globa e totaliza) — seria então mais uma das figuras, porventura a mais importante das figuras estratégicas, da mitologia filosófica.

Da mesma forma que o desejo persiste pela ausência de um objecto total e pela intotalização dos objectos parciais que

diferidamente percorre, ou seja, que é o movimento de busca que ao mesmo tempo faz diferir o que se busca (o Todo, a satisfação plena, a realização absoluta, o Encontro, numa palavra, o *preenchimento* ; e note-se que aqui, afirmação suprema e culminante seria, simultaneamente, morte) também o perguntar filosófico investido pela erótica do desejo se joga na duplicidade gestual que antecipando o saber simultaneamente inviabiliza a clausura no saber. É nesta impossibilidade de reduzir a experiência da pergunta — e mais precisamente da possibilidade do questionamento com a duplicidade interna que comporta — ao discurso do saber, que, de uma forma decisiva, se joga a questão da alteridade. Se a articulação entre experiência e discurso fosse plena, isto é, se o discurso repousasse na possibilidade de uma consciência integral da experiência por ele levada à Palavra, então, tudo se poderia resumir na economia do *já* e do *ainda não* : toda a experiência se poderia converter em saber pela mediação total da consciência. Bastaria, portanto, que a mediação se operasse. E pelo saber, o que sabe ocuparia o lugar do outro, o lugar do sujeito em geral. Consideração diferente terá contudo de ser feita se se pensar a partir da cumplicidade da experiência e do desejo, quer dizer, a partir da ideia de que toda a experiência comporta uma duplicidade interna. A alteridade é requerida na experiência do questionamento não como o espaço outro a ocupar mas como o espaçamento que possibilitando o jogar do jogo difere a possibilidade do Encontro. Como o espaço desejável.

Saber e compreender será, afinal, (a)pr(e)ender o outro sobre a interdição de uma diferença irreduzível, de uma alteridade irreconhecível, de um sentido inanticipável que, a existir, a admitir, minaria toda a lógica do ser próprio e da apropriação — quer dizer, toda a estrutura do poder inerente ao projecto da compreensão plena e à operatividade da mediação total? Donde, surpresa, sim: se. A "surpresa" surpreende se preensível no espaço comum. O resultado é a possibilidade do Saber, do Encontro, do Sentido; o reduzido, a experiência — a estranheza da experiência, o incomungável, porventura, o incomunicável. O Outro que não seria o *meu* Outro. Também aqui se excomunga o que se não deixa possuir. Como se de morte ameaçasse.

E a questão surge: será que todo o discurso do saber, segundo o modelo da unidade e porquanto se move no elemento da comunidade, porquanto reúne as diferenças na identidade do Diferente e as pensa, portanto, a partir do Mesmo, não é necessariamente um discurso que para se realizar se tem que fechar sobre si mesmo? Quer dizer, excluir a autêntica experiência da alteridade? Que abertura?

Questão importante é a seguinte: a noção de desejo implica a noção de falta (a falta estaria na origem do desejo — seria essa a definição platónica), o que permitiria falar em objecto do desejo (o todo, o um) e conduziria a considerar o desejo em termos negativos, ou o desejo é a matriz de toda a relação com uma



alteridade que nos constitui e que, por isso mesmo, se não deixa apropriar? Dito de outro modo: é o desejo aspiração à completude ou a condição na qual se realiza e afirma no ser o nosso modo incompleto de ser?

O perguntar é *condicional*:: marca a condição de uma relação que se furta à posse, o rastro de uma alteridade que no limite se não pode antecipar senão sob a forma absoluta do perigo. A radicalidade filosófica não será pois a radicalidade com que se funda o saber, mas a aventura e a surpresa que de cada sedentarização nos reconduz incessantemente ao nomadismo. Perguntar é percorrer este caminho que não nos leva a lado algum, mas que uma qualquer nostalgia do regresso ou que um qualquer esforço de preservação no ser torna imparável.

Que este humano caminhar (a casa é, afinal, os caminhos) é um caminhar *em* e um caminhar *com*, isso bastaria para se reconhecerem os contornos históricos e socio-políticos do sentido e da verdade que no seu modo de eficácia institucionalizante, quer dizer, na persuasiva naturalização do convencional, serve, porque oculta e mascara, a fundamental vertente repressiva do exercício dos poderes.

Ainda que sem nunca poder acreditar inocente e ingenuamente numa liberdade que seria a Liberdade ou em transformações que seriam a Revolução, o trabalho filosófico —

Rui Alexandre Grácio

provocar deslocamentos — , exercido em registos diversos e não necessariamente unificados seria precisamente uma estratégia de libertação. De que o primeiro passo seria, talvez, o de provocar o riso.